

Resenha do livro: FUNARI, Pedro P.A.; FEITOSA, Lourdes C.; SILVA, Glaydson J. da. (Orgs.) **Amor, Desejo e Poder na Antiguidade: Relações de Gênero e Representações do Feminino**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

Laís Prestes Redondo<sup>1</sup>

O livro *Amor, Desejo e Poder na Antiguidade: Relações de Gênero e Representações do Feminino* foi organizado por Pedro Paulo A. Funari, Lourdes C. Feitosa e Glaydson José da Silva, e contou com a participação de vários especialistas acerca das questões de gênero e sobre as relações entre femininos e masculinos na Antiguidade. O respectivo livro possui uma primeira versão publicada pela Editora da Unicamp em 2003, porém, em 2014, a Editora Fap-Unifesp, junto de uma Introdução mais atualizada do livro, publicou-o novamente.

Assim, a obra é composta por 17 capítulos, que analisam três civilizações da Antiguidade correspondentes ao Egito, Grécia, Roma e brevemente sobre o cristianismo primitivo. O historiador André L. Chevitarese, responsável pela apresentação da obra, destaca os avanços dos estudos de gênero na historiografia. Já o prefácio, da professora Norma Musco Mendes, evidencia o crescimento das pesquisas nessa temática e o seu avanço nas investigações brasileiras em diferentes civilizações da Antiguidade. Na Introdução, os organizadores abordam as diversas fontes usadas nas análises, como iconográficas, literárias, numismática, epigráficas, estátuas e tumbas, dentre outras, que abrangem a perspectiva do estudo das questões de público e privado na Antiguidade e as mulheres e homens nas suas relações sociais, políticas, sexuais e corporais nas construções de poderes e discursos.

Na primeira parte sobre o Egito, o capítulo *Desdobramentos de um Desejo*, com autoria de Margaret M. Bakos, é discutido, por meio de três papiros, o testamento de uma mulher chamada Nau-nakhte, no Egito do Novo Reino em Deir el-Medina. Tal documento

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade do Sagrado Coração. Resenha realizada sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Lourdes C. Feitosa.

trata das instruções de uma mulher que deve escolher qual de seus oito filhos será premiado com sua herança.

O documento costuma ser citado como indicativo do papel importante e valorizado da figura materna naquela sociedade e a importância do poder da escrita.

Em *Gênero e Literatura Ficcional: O caso do Antigo Egito no 2º Milênio a.C.*, Ciro F. Cardoso analisa a questão do início do estudo de gênero na historiografia. Utiliza-se de fontes *etnoliterárias* e não somente *sócioliterárias* e políticas, além de arqueológicas (tumbas) e iconografias, discutindo temas sobre casamentos no Médio Reino, status, divisões de trabalhos e a "labuta rural". Questiona, ainda, o aumento de escribas no 2º Milênio em relação ao 3º Milênio, e os casos de mulheres como administradoras de haréns. Nessa perspectiva, Cardoso estuda a variação jurídica das relações estabelecidas entre as mulheres e seus maridos no Egito Antigo em possíveis divórcios. O historiador analisa também a sexualidade e homoerotismos em contos antigos como "Verdade e Mentira" e as contendas entre o deus Séti e Hórus. O autor destaca o uso restrito da escrita em tumbas e depois descentralizado em contos literários, escritos comemorativos, mesmo com um número restrito de alfabetizados. Por fim, são examinadas as ligações e representações entre tipos de mulheres com as deusas Isís, Hátor e Maat.

No terceiro capítulo, *A Política Externa de Cleópatra VII Filópator*, Pilar Rivero demonstra o poder e discurso das relações de gênero entre a governante Cleópatra, de uma das mais ricas civilizações mediterrâneas, o Egito, e as relações com seus "amantes" romanos Cesar e Marco Antônio. Cleópatra visava, assim, a conquista de mais territórios para o Egito e a garantia de seu poder, enquanto mulher, em meio às "guerras dinásticas", além de acordos políticos e até mesmo culturais com Roma em defesa do reinado de seu filho com Cesar, Cesarião.

Sobre a civilização grega, o capítulo "*A Cidade das Mulheres*": *A questão feminina e a Pólis Revisitada*, Marta Mega de Andrade analisa a questão das mulheres atenienses do século V a.C.. A autora enfatiza o espaço público-privado que as mulheres faziam ("lugar próprio") e os tipos de "cidadania" feminina na época de Péricles. Por meio da análise de fontes literárias e materiais como ânforas, permite-se notar os casos conjugais e as dinâmicas de gêneros ligados à herança de Pandora e à desconstrução da ideia de marginalidade feminina.

Renata Cardoso Beleboni, em *Leite de Procusto: O gênero na*

*Grécia Antiga*, estuda as relações e papéis femininos na religião grega. Como indicado no título, Belebony problematiza as teorias de gênero ligadas ao grego e bandido Procusto, que tentava enquadrar o tamanho de suas vítimas a um leito. Ou seja, a autora critica, assim como outros historiadores, as análises generalizantes e dualísticas de feminino e masculino na Grécia, “[...] a não ser que se utilize o método de Procusto...” (BELEBONI, 2014, p.145). Para Belebony, é necessário ver diferentes ações e práticas desempenhadas por mulheres na Grécia antiga e identificar os femininos em sua pluralidade e heterogeneidade. Para isso, a historiadora expõe seus argumentos sobre a forte participação feminina na religiosidade, desconstruindo a ideia de marginalização das mulheres gregas e olhando as dissimulações das fontes literárias sobre o mal de Pandora e a domesticidade. Segundo a autora, há brechas e mobilidades femininas entre público-privado (gineceu), na qual muitas mulheres eram altas sacerdotisas, participavam de festas religiosas, em atos funerários e, mulheres mais pobres, trabalhavam no comércio. Além disso, que indiretamente a reprodução e os casamentos envolviam ações políticas femininas e que os próprios deuses e deusas gregas são reflexos desses diferentes masculinos e femininos.

No sexto capítulo *Mulheres Estrangeiras e as Práticas de Magia na Atenas do Século IV a.C.*, Maria Regina Cândido discute a questão das mulheres estrangeiras, prostitutas e sacerdotisas com as práticas consideradas “mágicas” para fins sexuais, medicinais e atos políticos e guerras. A historiadora analisa o uso de ervas e cultos como auxiliares a essas mulheres e a sua ligação com deuses ctônicos, como Circe, Calipso e Hécate, além de outras figuras literárias: Helena de Tróia e Medeia de Eurípedes, vistas como feiticeiras e maléficas aos homens.

Em *Fábula Grega e o Feminino*, Maria Celeste C. Dezotti e Eliane Quinelato examinam as fábulas de Esopo e Bábrio em torno dos gêneros retratados nas obras, comparando os tipos de mulheres e homens da sociedade grega. Por meio de obras literárias dos gregos Semônides de Amorgos e Focílides, as historiadoras também relacionam a construção cultural e a representação do feminino à natureza animal e ao mal de Pandora.

Flávia Regina Marquetti, em *Encanto de Sereia: A Permanência de Traços Arcaicos de Imagens de Vênus*, analisa os traços femininos corporais e simbólicos desde a era paleolítica à Antiga, refletindo a respeito dos quesitos sexuais e de fertilidade, como as ancas de Vênus, o “cinto” de Afrodite e os diferentes termos de matronas

e patronos. Tais símbolos e terminologias, segundo a historiadora, eram ligados às partes sexuais do corpo feminino e masculino como boca, o sexo, punho, tornozelos e falo (chifres e flechas), que demonstram as questões de fecundidade da natureza e os problemas em “desatar o nó do ventre feminino”. Para isso, Marquetti utiliza fontes arqueológicas e iconográficas de Vênus do paleolítico; Afrodite, a deusa, e pinturas paleolíticas, que apresentam os impasses prazer-limite-semear que vão configurando-se ao longo do período cretense e no ideal da mulher como manipuladora dos desejos dos homens.

No capítulo *A Tapeçaria História: Gênero e Mito*, Maria Augusta O. Pimentel aborda a questão do mixssexualismo (mistura de comportamentos “femininos” e “masculinos”) e o viés entre sexo e gênero, no qual esse constantemente influencia as transformações e relações com o corpo. A partir dessa perspectiva, a historiadora destaca como as atribuições do que é considerado pertinente ao feminino e ao masculino é algo construído historicamente e que elas variam de uma sociedade para outra, desconstruindo noções binárias macho/fêmea. Assim, Pimentel introduz o tema dos Mitos atenienses ligados a essas discussões de gêneros. Para ela, os mitos gregos não são apenas ficções, mas construções socioculturais, já que havia “verdade” por trás dos mitos e das figuras divinas. A historiadora exemplifica, deste modo, o Mito de Palas sobre Atena de Atenas, uma deusa-mulher para homens em guerra, estrategista e “mãe” da civilização ateniense (V a.C.), cultuada por pastores, que ensina tecer a lã e realizar obras domésticas. Para a autora, dessa forma, Atenas não se configura, naquela imagem determinada pelo binário de papéis masculinos e papéis femininos, mas sim uma deusa que representa as complexidades das relações de gêneros e do mixssexualismo para a sociedade ateniense.

Maria Aparecida O. Silva, em *O Mistério da Miragem: A Mulher na História de Esparta*, inicia seu texto discutindo os equívocos dos olhares da História Tradicional sobre as comparações entre mulheres espartanas e mulheres atenienses. Segundo a autora, há poucas fontes acerca das mulheres espartanas para tais generalizações e que somente a partir do século IV a.C., com as modificações jurídicas e de ordenação das cidades-estados por conta da ameaça macedônica, é que se nota pequenas visões masculinas espartanas sobre suas mulheres. Perante isso, e uma revisão bibliográfica, Silva afirma os cuidados no uso de tais fontes e olhares masculinizantes de gregos e romanos (Platão, Xenofonte, Plutarco) sobre as mulheres espartanas e critica as análises de historiadores ao longo do século XX e de fe-

ministas de que essas mulheres espartanas eram as “mais livres das gregas”, as “mais guerreiras” e, com as guerras macedônicas, donas de terras e reprodutoras. Para Silva, no entanto, é a partir da década de 1990 que os historiadores começam a rever esses olhares tradicionalistas e acrílicos das fontes sobre mulheres espartanas e que, para a busca das singularidades femininas espartanas, é importante não se deter em comparações baseadas nas rivalidades entre essas e as atenienses.

A historiadora Zélia de A. Cardoso, no capítulo *A Representação da Mulher na Poesia Latina*, estuda, por meio de fontes literárias, as visões masculinas a respeito das mulheres romanas e suas diferentes representações sociais e culturais. Cardoso analisa também o que chama de “gêneros menores” como elegias e sátiras sobre mulheres populares, como as mulheres ovidianas, Cíntia, de Propércio; Délia e Némesis, de Tibulo; Neera, de Lígdamo e Lésbia, de Catulo. Assim, a historiadora afirma que, apesar dos estereótipos e contraposições entre realidade e literatura, essa última permite aos historiadores notarem a pluralidade feminina que um dia existiu em Roma.

Em *A Posição da Mulher na Roma Antiga: Do Discurso Acadêmico ao Ato Sexual*, Maria Regis Cavicchiolli discute as problemáticas do estudo das mulheres na História Romana. Critica como, em meados da década de 1960, a mulher romana era estudada apenas segundo um prisma e sob o viés patriarcal, submissa ao *pater familia*. Somente nos anos 80 que se ampliaram os estudos, preocupados em identificar a pluralidade de figuras femininas e suas diferentes atividades sociais, não dimensionadas quando se relevava apenas o aspecto biológico. Para a historiadora, a fonte material e arqueológica tem contribuído para novas perspectivas históricas dos atos sexuais e sociais das mulheres romanas, notando que, apesar dos documentos escritos romanos marginalizarem certas práticas sexuais femininas, no cotidiano elas eram frequentes e muito diziam sobre suas práticas sociais.

*Gênero e o “Erótico” em Pompeia*, a historiadora Lourdes M. G. Conde Feitosa problematiza a dicotomia entre o feminino e masculino que atribuímos como se fosse algo natural. Ela leva em consideração as recentes discussões sobre gêneros e como elas têm contribuído para “compreender como homens e mulheres de tempos, espaços e culturas diversos constroem diferentes conotações para o significado de feminino e de masculino...” (FEITOSA, 2014, p. 280). A partir disso, a historiadora analisa como as articulações de gênero são construídas nas relações de poder, de domínio e nos discursos

que justificavam as diferenças jurídicas e sociais estabelecidas entre os femininos e os masculinos com cidadania romana, com os livres sem cidadania, os libertos e os escravos, na composição social do Império Romano. Ademais, Feitosa considera o olhar popular sobre essas diferenças por meio de grafites registrados por eles nas paredes de Pompeia, o que torna possível vislumbrar outras concepções de mundo, de trabalho, de relações afetivas e sociais, além daquelas preconizadas pela visão elitizada dos aristocráticos. A autora problematiza o significado de “erótico” atribuído na contemporaneidade às peças e inscrições de cunho sexual, mostrando outras possíveis concepções às estabelecidas nos dias atuais.

Pedro Paulo A. Funari, em *Falos e Relações Sexuais: Representações Romana para Além da Natureza*, discute as possíveis leituras de símbolos falos e figas da antiguidade romana. Para Funari, tais símbolos vão além de fins sexuais como os modernos consideram, e como, para a sociedade romana, podem ser considerados objetos do cotidiano, de proteção, e mesmo religiosos. O historiador faz a sua análise por meio do estudo de fontes materiais e grafites de Pompeia com representações fálicas e figas encontradas em painéis pompeianos, campainhas, brincos, amuletos de proteção e inscrições amorosas.

Em *Um Olhar sobre Júlia Domna: Esposa e Mãe de Imperadores*, Maria Teresa M. Gonçalves problematiza a presença de mulheres em assuntos políticos na dinastia Severa, entre a linha tênue do público e privado. A historiadora destaca ainda a importância das procriadoras de dinastias e intermediadoras como Júlia Domna sobre Sétimo Severo (marido e imperador) e os filhos Caracala e Geta. Estuda, também, por meio de moedas cunhadas, os títulos e estudos filosóficos atribuídos à Júlia Domna.

O historiador Glaydson José da Silva, em *Representações Femininas e Relações na Ars Amatoria*, estuda a elegia “Arte de Amar”, de Ovídio, não só como um gênero literário, mas como reflexo da sociedade romana. Silva destaca como a “Arte de Amar” é antes de tudo um manual da visão masculina sobre o feminino num período em que Roma passava da República para o Principado. Além disso, Silva (2014, p. 357) afirma que “A elegia, assim como a literatura amorosa, de forma geral, é o campo privilegiado das figuras de linguagem, e, nela, a metáfora ocupa um lugar de destaque”. Considera, desta maneira, as elegias como textos de elite e que a linguagem comum era desprezível. Silva aponta como as alegorias do feminino e masculino na obra de Ovídio adquiriam categorias

metafóricas de inferior e superior, presa e predador, macho e fêmea, e amor e guerra. Entretanto, o historiador considera como Ovídio, em meio às mudanças políticas e sociais romanas, foi além da imagem do macho-dominador e da fêmea-dominada e indicou, por meio de seus romances, relacionamentos idealizados na partilha entre homens e mulheres e que, por vezes, o homem deveria “sofrer” pelo amor desiludido e negado nos desejos das mulheres elegíacas.

Por fim, em *A Efervescência Discursiva sobre as Mulheres nos Movimentos Marginais do Cristianismo Primitivo e as Respostas da Patrística*, Silvia Márcia A. Siqueira trata da ascensão do cristianismo e suas variações de ideologias religiosas marginais (montanhismo, gnosticismo e marcionismo). A historiadora examina os novos traços de comportamentos morais e diferentes visões sobre as mulheres e homens a respeito da abstinência sexual, castidade e matrimônio. Ademais, Siqueira considera as poucas articulações e representações em torno da mulher como apóstola e na filosofia cristã da Patrística.

Em linhas gerais, o livro abordou, de maneira clara e localizada, questões de gênero e do feminino em civilizações antigas como Egito, Grécia, Roma e Judéia, por meio de fontes variadas como literárias, arqueológicas, iconográficas, numismática, papiros, dentre outras.

Recomenda-se o livro para os interessados em discussões sobre gênero e história das Mulheres, mas também para todos aqueles que desejam conhecer um pouco mais sobre a Antiguidade, a partir de olhares que vão além dos “grandes homens” e das guerras.

